

O QUE EU ESTAVA PENSANDO?

A poética da célula de origem à Jardim de Rocas, o espaço volumétrico, se refere ao intocável, motivo pelo qual é composto de “pedras etéreas” que se prestam a um jogo de espectros. Tangencia a ilusão de controle desenvolvida pelo homem, a ilusão de que o domínio da ciência e tecnologia nos resguarde da morte e do destino fiado por algo inalcançável.

Ancorado nos meus interesses, pesquisas de ancestralidade e reflexões trazidas pela pandemia, o conceito costura a lenda das Moiras, que são espíritos da natureza que tecem o fio da vida. Segundo a mitologia grega o nome deriva da *μοίρα*, que literalmente significa destino.

Elas seriam as guardiãs dos locais de passagem para o interior da terra, os locais "limite", onde se acreditava que o sobrenatural podia manifestar-se. Transportam pedras sobre a cabeça e fiam com uma roca à cintura.

Roca, por sua vez, além de um instrumento utilizado para que se obtenha um fio, é uma formação volumosa de pedra, rocha.

Assim, num círculo que junta as palavras pedra, fio e local limítrofe entre mundos, a instalação busca no fundo da terra as rochas imaginárias que estão abaixo da superfície e, com elas, constrói um espaço figurado e suspenso, em “pedras” tecidas manualmente em fios de metal. Tão importante quanto os objetos é o jogo de luz para esta dramaturgia da imagem, onde as pedras são atravessadas e lançam sombras nas faces do local de instalação, trazendo a ideia de contraposição entre o concreto e o intangível.

Assim, busco conversar e criar materialização para a ideia do espiritual, da interface entre mundos, entre a grandiosidade das conquistas humanas e a fragilidade da vida.

A performance que abre |e encerra| o período de exposição também ancora-se nos pontos de semelhança entre arte e religiosidade. A instalação, maleável e penetrável é por si só performance em constante movimento e sendo a dança, também ela, produto do movimento na/da instalação.

Ainda, muito importante, o trabalho oferece a ti, o experimento de sentir-se no palco, e com teu "passeio por entre as pedras" a possibilidade de criar a dramaturgia da própria obra.

Afirma a ancestralidade gaucha, através das manualidades para aquecer o corpo do frio, aplicadas sob novos olhares e suportes, hibridizada com aspectos da religiosidade brasileira, reconhecendo e possibilitando a função das artes como ferramenta para o desenvolvimento humano.

Este impulso multimeios trata de compreender a tradição e as memórias de uma herança ancestral colocadas em exibição nas ações físicas na/da obra como parte do pensamento sobre ela, entendendo que a cultura está “acima e abaixo da terra”, nos que já morreram e nos que estão a nascer, em relação a nós, já que a arte ocupa o importante papel de nos fazer lembrar “do que somos feitos”.